

Jornalismo e ficção: as narrativas do cotidiano

Héris Arnt

Professora Titular da Faculdade de Comunicação Social da Universidade
do Estado do Rio de Janeiro.

Resumo

Este artigo tem por objetivo mostrar o papel predominante do jornalismo na formação dos leitores. A lição que nos deixa o século XIX é que as pessoas lêem o jornal pelo prazer da leitura, e não somente pela necessidade funcional de informação. Como a literatura, o jornal tem também uma função narrativa, como mostra muito claramente a crônica jornalística.

Palavras-chave: crônica brasileira, crônica americana, folhetim

Abstract

The newspaper has an important role in the readers' formation. The lesson of the century XIX is that the people read the newspaper for the pleasure of the reading, and not only for the functional need of information. As the literature, the newspaper also has a narrative function, as display very clearly the journalistic chronicle.

Keywords: *Brazilian chronicle, American chronicle, reading*

Diante da incompetência brasileira em resolver o problema do analfabetismo é interessante revisitar a história da imprensa, no século XIX, que se confunde com a própria história da leitura e da ascensão do povo à cultura letrada. Quando o desenvolvimento industrial tornou possível o aumento das tiragens dos jornais, havia na Europa e nos Estados Unidos, uma forte pressão popular das gerações recentemente alfabetizadas, ávidas por leitura. A publicação de obras literárias integrou uma grande camada da população no círculo de leitores. Já no Brasil, o jornalismo literário, apesar de ter tido importante papel cultural, nunca chegou a representar uma penetração de fato no seio de uma sociedade mais vasta.

Na segunda metade do século XIX, os regimes europeus dão início a um processo de alfabetização da população urbana, para formar mão de obra mais eficiente para as novas funções criadas pela revolução industrial. Os jornais vão ter um papel fundamental neste esforço, suprimindo as necessidades culturais dos novos consumidores. O livro ainda era muito caro para os assalariados, e o jornal vai ocupar este espaço publicando folhetins, romances e contos.

O editor do jornal francês *La Presse*, Emile Girardin, foi quem primeiro compreendeu a necessidade de cultura do mercado, e convida escritores para trabalharem em seu jornal. O fenômeno se expande por toda Europa, e chega também ao Brasil. Alguns jornais populares franceses chegaram a publicar seis folhetins ao mesmo tempo. Esses folhetins eram traduzidos e reproduzidos pela imprensa de todo o mundo, num fenômeno de massificação cultural global. O Brasil não ficou fora deste movimento, publicando as obras francesas; tanto que Machado de Assis afirmou que escrever folhetins e continuar brasileiro era difícil.

No século XIX, literatura e jornalismo vão ser indissociáveis. Os maiores escritores da literatura universal passaram pela imprensa, não só como jornalistas, mas como cronistas, escritores de folhetins e romancistas. Este período que vai de 1830 ao final do século pode ser qualificado como de Jornalismo Literário e se caracterizou pela presença maciça de escritores nos jornais, que melhoraram a qualidade do texto, produzindo um tipo de informação mais sutil sobre a sociedade.

Jornalismo literário, na acepção que damos ao termo não se refere à imprensa especializada em literatura, que foi um fenômeno que apareceu no século XVII e que perdura, hoje, nos jornais e revistas especializados e nos suplementos de livros e na crítica literária. Jornalismo literário é uma forma de conceber e fazer jornal que se desenvolveu no século XIX e que se caracterizou pela militância de escritores na imprensa, com a publicação de crônicas, contos e folhetins. Este fenômeno marcou a imprensa como o lugar do debate cultural – uma das funções do jornalismo, que predomina, na imprensa, até os dias de hoje. Charles Dickens cobria o parlamento inglês, enquanto Machado de Assis, o Senado. Mark Twain passou por todos os setores de um jornal, Balzac escreveu toda a sua obra em forma de folhetim. Dostoiévski tirou Crime e Castigo das páginas criminais dos jornais. Há mais informação nas crônicas

de Machado de Assis, Mark Twain e Seba Smith (Major Jack Dowing) do que nas páginas exacerbadas dos pasquins políticos. Toda a matéria de jornal informa, mesmo os folhetins ficcionais.

Com a ficção folhetinesca, que não se pretendia informativa, vemos refletida como num espelho a sociedade da época. A literatura foi, em contrapartida, profundamente marcada por esta passagem dos escritores pela imprensa. O papel da imprensa foi fundamental para a segmentação da cultura letrada. As massas, apenas alfabetizadas, encontraram nos jornais um estímulo à leitura. Em consequência houve o aumento considerável das tiragens de jornais. O extraordinário desenvolvimento da imprensa europeia no século XIX estava fundado em modificações profundas na estrutura social.

O jornalismo nos Estados Unidos não apela para o folhetim, mas a influência literária vai ser grande, com a presença de escritores nos jornais e articulistas. A influência dos escritores vai se dar, sobretudo, através das revistas especializadas que publicavam contos e novelas. Estas publicações eram extremamente populares e terão um papel fundamental no programa de alfabetização de massa, desencadeado no país, ao final do século. O espaço que ocuparam na sociedade americana é equivalente ao do folhetim nos jornais da Europa. A revista *Harper's Monthly*, no final da década de 1850, atinge uma tiragem de 200 mil exemplares, *record* mundial à época. Estas revistas eram praticamente a única opção para os escritores americanos publicarem suas obras. Como não existiam leis internacionais de direito autoral, as editoras não publicavam os autores americanos – sempre um risco editorial – preferindo publicar autores ingleses, que tinham público assegurado. Os autores ingleses nada recebiam pelas publicações americanas. Sir Walter Scott, criador de *Ivanhoe*, foi uma vítima deste sistema. Apesar de ter seus livros constantemente reeditados nos Estados Unidos, morreu na miséria, sem nunca ter recebido direitos de autor. Charles Dickens foi um dos primeiros autores a lutarem pelos direitos autorais, criticando duramente os editores americanos. Balzac foi, talvez, o primeiro autor a ganhar um processo de direito autoral, contra um jornal italiano que publicou um romance sem autorização.

A participação de escritores na vida cotidiana dos jornais foi um fenômeno universal, no século XIX. Os escritores do século XIX estavam direta ou indiretamente engajados num movimento de denúncia e crítica das condições sociais. Charles Dickens na Inglaterra é o melhor exemplo de luta pela melhoria das condições de vida dos trabalhadores. A miséria e o analfabetismo do proletariado inglês é denunciada em toda sua obra. É interessante, neste sentido, ver a visão de um escritor brasileiro, José de Alencar, sobre esta questão, numa crônica publicada em 4 de março de 1855, na coluna *Ao correr da pena*, no Correio Mercantil: “Porque a Europa ainda não conseguiu chegar a solução deste grande problema social, não é razão para desanimarmos(...) não devemos deixar de concorrer com as nossas forças para essa obra filantrópica de extinção da pobreza proletária.”

No Brasil, sem o respaldo de uma sociedade que se urbaniza e se alfabetiza, os jornais vão atravessar o século com tiragens minguadas, a Revista Ilustrada, em 1876, tem uma tiragem de 4 mil exemplares, enquanto o Sun em Nova Iorque, com uma linha editorial popular, tem uma tiragem de 130 mil exemplares. A influência do jornalismo literário foi particularmente importante, no Brasil – quase todos os escritores brasileiros publicaram através da imprensa. Só que, sem um esforço institucional que promovesse um programa de alfabetização, o jornalismo literário não representou a ascensão do povo à cultura letrada, como ocorreu nos Estados Unidos e nos países europeus.

No Brasil, apesar do atraso social de um sistema escravocrata tardio, tivemos um jornalismo literário ativo que lançou os fundamentos do romance brasileiro, com José de Alencar; permitiu a produção de um romance como *Memórias de um sargento de milícias*, considerado por Mário de Andrade como um dos romances mais interessantes, uma das produções mais originais e extraordinárias da ficção americana; e possibilitou o aparecimento do maior escritor brasileiro, Machado de Assis.

O BRASIL FOLHETINESCO

Podemos considerar o início da fase do jornalismo literário brasileiro o ano de 1852 com a publicação do folhetim de Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias*, no *Correio Mercantil*, e o seu término no início do século XX, cuja morte de Machado de Assis, em 1907, pode ser considerada um marco. Apesar do gênero folhetinesco ter ido mais longe no século XX, e a crônica de influência literária nunca ter deixado de estar presente no jornalismo brasileiro, a influência literária diminui paulatinamente e os jornais começam, a partir daí, a ter características diversas, caminhando em direção à grande imprensa informativa.

O *Correio Mercantil*, fundado em 1852, por Otaviano de Almeida Rosa, conseguiu reunir os intelectuais mais representativos de sua época. Era um jornal cheio de variedades, que logo se tornou o mais lido do Rio de Janeiro. *Memórias de um sargento de milícias* passou despercebido na época, dominada pelos folhetins de origem francesa. O impacto do folhetim brasileiro se dará em 1854, quando é publicado o *Guarani* de José de Alencar, no Diário do Rio de Janeiro.

O folhetim de Manuel Antônio de Almeida é uma dessas obras de grande valor para a análise de costumes do povo carioca, da primeira metade do século passado. O romance é caricato, irônico, mas em nada diminui a veracidade do quadro social. Os personagens são símbolos de situações genéricas da população pobre, formada pelos portugueses recém chegados ao Brasil, os brasileiros das pequenas profissões, policiais, ciganos, baixo clero, despachantes, enfim esses cidadãos de segunda classe. Manuel Antônio de Almeida foi um memorialista dos usos e costumes da sua época e da época anterior a sua (final

do período colonial e Reino Unido) herança que ele recebeu através de relatos orais e que não queria que se perdessem. Ele tem o cuidado do historiador ao narrar as festas populares, as danças, os desfiles das baianas que antecederiam as procissões, as pastoras a música. São muitas as interferências do narrador que deixam claro sua intenção de memorialista.

A explosão do folhetim brasileiro se dará com *O Guarani*. A cor local, dos amores do índio Peri pela branca Ceci, trouxe uma revolução ao gênero e abre espaço para a publicação de autores brasileiro. No Rio de Janeiro analfabeto, *O Guarani* será lido para empregados e agregados. Em São Paulo o Diário do Rio de Janeiro era esperado com entusiasmo e era lido em grupos, conforme escreve Visconde de Taunay em *Reminiscências*. Os primeiros folhetins de Dickens também eram destinados à leitura em grupo, entre os operários ingleses analfabetos. A leitura de folhetins foi, na Europa, um estímulo à alfabetização.

A CRÔNICA AMERICANA

O jornalismo norte-americano do século XIX, apesar de ter recebido uma forte influência da literatura, através da colaboração de muitos escritores e cronistas, teve algumas características diferentes do jornalismo literário europeu e brasileiro. A maior delas foi a não publicação de folhetins literários na grande imprensa. Os jornais americanos não apelaram para os folhetins em capítulos, para ganharem leitores, eles seguiram um caminho que se tornou característico do jornalismo nos Estados Unidos até os dias de hoje, que são as matérias de interesse humano - com relatos de crimes e dramas familiares. Os fatos são vistos a partir do ponto de vista dos protagonistas, numa forma narrativa que se aproxima da ficção.

Apesar da grande imprensa não publicar folhetins, os escritores participam ativamente da imprensa, como jornalistas e cronistas. O jornalismo americano produziu em meados do século passado um gênero de crônicas de crítica aos políticos e aos costumes públicas do país que tinham grande sucesso. O primeiro escritor a se dedicar a este gênero foi Seba Smith no *Portland Courier* em 1830. Com o pseudônimo de Major Jack Downing ele publicava cartas endereçadas a amigos e parentes, onde ia relatando fatos da vida política e parlamentar americana. Suas crônicas tornam-se muito populares, e fazem escola. Charles Brwne foi outro cronistas que adotou o mesmo gênero de crônica de humor, e que abrem caminho para o maior deles, Samuel Clemens que adota do pseudônimo de Mark Twain.

A sátira política e a crítica aos costumes chegaria ao apogeu, nos Estados Unidos, com Mark Twain. Seguindo o caminho aberto por Seba Smith, a princípio imitando o estilo de Charles Browne, Mark Twain torna-se o melhor jornalista de sua época e o maior escritor americano de século XIX. Sua trajetória não difere dos grandes escritores da mesma época - como Dickens, Balzac, Machado de Assis, toda sua vida está ligada à atividade jornalística.

Na segunda metade do século XIX os Estados Unidos vão conhecer um grande movimento cultural, com a criação de cursos públicos, aulas ao ar livre, alfabetização de adultos, e a instalação de bibliotecas públicas por todo o país, sobretudo a partir de 1880. As revistas literárias tiveram importante papel neste período de efervescência cultural, que representou avanço nas artes gráficas, com a introdução de ilustrações. Algumas das publicações especializadas em autores americanos, foram *Haper's Monthly*, *Century*, *Scribner's*, *Atlantic Monthly*, *Literary Digest*, mais ao final do século que se ocuparia também do ambiente político e social.

Se os Estados Unidos não conheceram o impacto sobre as massas que os jornais com base nos folhetins propiciaram, o jornalismo literário foi teve um papel importante na consolidação da alfabetização e divulgação da cultura letrada.

A influência literária na grande imprensa americana foi sobre a forma de crítica, humor e sátira política. Seba Smith, Charles Browne, Charles Smith e Mark Twain fizeram escola e criaram um gênero de crônica crítica às instituições que nunca deixou de ser publicado nos jornais americanos. Art Buchwald é um exemplo moderno de escritor herdeiro deste estilo que foi determinante do século XIX. Este estilo de narrativa, próximo da crônica, é denominado, nos Estados Unidos, de “colunismo”.

Uma crônica de Art Buchwald, disponibilizada na rede mostra esta proximidade temática entre a arte da crônica brasileira e um certo jornalismo narrativo americano. (geocities.com/CollegePark/Quad/8357/sonho_impossivel.htm).

Este relato sobre o jornalismo literário tem por interesse mostrar o quanto o jornal teve um papel preponderante na formação dos leitores. Uma questão bastante óbvia, que de tão óbvia é esquecida, é que as pessoas lêem por ler, pelo prazer da leitura; e lêem o jornal não exclusivamente pela necessidade funcional de informação, mas pela função de narratividade, intrínseca ao gênero jornalístico. Ao narrar, o jornal “ficcional” a realidade. A crônica é um gênero híbrido, que melhor marca esta fusão de dois gêneros distintos, o literário e o jornalístico. A crônica brasileira torna-se um gênero literário peculiar, que vai se formar a partir das primeiras crônicas do século XIX, que já traziam muitas das características contemporâneas. Nessas crônicas, encontramos elementos de interatividade, nos diálogos explícitos com os leitores; de virtualidade, na invenção de um leitor “tipo” que serve de interlocutor; e hipertextuais nas interferências do autor – características essas que vamos encontrar, nas reinvenções narrativas da Internet. Por trás das brincadeiras muitas vezes desconexas dos *blogs*, existem elementos da narrativa ficcional, da crônica e do diário, confirmando esta necessidade social de narração, ou seja a necessidade de leitura e de encantamento da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, José de. *Ficção completa e outros escritos*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965.
- _____. *Ao correr da pena*. São Paulo: Melhoramentos, 1955.
- ALMEIDA, Manuel Antônio. *Memórias de um sargento de milícias*. São Paulo: Ediouro, (s.d.).
- AMOROSO LIMA, Alceu. *Jornalismo como gênero literário*. Rio de Janeiro: 1968.
- ARNT, Hérís. *A influência da literature no jornalismo: O folhetim e a crônica*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2002.
- ASSIS, Machado. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1986.
- BALZAC, Honoré. *Oeuvres de H. de Balzac*. Paris: Alexandre Houssiaux, 1866.
- EMERY, Edwin. *História da imprensa nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Lido, 1965.
- GREBANIER, Bernard. *The essentials of english literature*. New York: Barrow's Education Series, 1948.
- MAUROIS, André. *Promethée ou la vie de Balzac*. Paris: Hachette, (s.d.).
- MEIDER, Charles. *The complete humorous sketches and tales of Mark Twain*. New York: Double Day Company, 1961.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- WEILL, Georges. *Le journal – origines, évolution et rôle de la presse périodique*. Paris: La renaissance du livre, 1934.